

## **Revista ISTOÉ, 19/11/2003**

### **É hora de chutar a escada**

**O conselho é do professor coreano Ha-Joon Chang, especialista em comércio exterior, para quem Lula já tem cacife internacional**

Liana Melo

Um representante de um país rico não deve perguntar ao economista coreano Ha-Joon Chang, professor de estudos do desenvolvimento na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, o que ele acha de livre comércio e globalização. Sua análise é bombástica: “Quando um país chega ao topo, chuta a escada para impedir o acesso dos outros.” Especialista em comércio internacional e



autor do livro *Chutando a escada*, editado no Brasil pela Unesp, Chang passou a última semana viajando pelo eixo Rio-São Paulo-Brasília. Ele veio ao Brasil participar do Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Tecnológico e Industrial, promovido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. Falou sobre comércio exterior e sobre o novo acordo do Brasil com o FMI. Entre prós e contras, o coreano acha que o governo brasileiro foi precipitado ao aceitar as regras do Fundo. Nas críticas à globalização, Chang não doura a pílula ao afirmar que os países ricos não têm nenhum interesse em diminuir a distância dos pobres. Para ele, se as regras da Organização Mundial do Comércio (OMC) não mudarem, “os países em desenvolvimento serão expulsos nos próximos anos.”

Abrir os olhos e enxergar novos mercados é, segundo Chang, a alternativa dos países em desenvolvimento para escapar da fúria capitalista dos ricos. Estados Unidos e Europa seriam, portanto, os verdadeiros inimigos da globalização. Só a história poderá comprovar o diagnóstico de Chang, que dá dicas de sobrevivência. Levantar uma barreira contra as imposições dos ricos seria a saída de países como o Brasil para furar o bloqueio no comércio internacional. Animado com os novos ventos que sopram da América Latina e da Ásia, Chang acredita que o Brasil poderá assumir um papel de liderança nesta nova ordem econômica internacional, junto com a Índia e a China. Em

entrevista a ISTOÉ, ele disse também que o Brasil deveria estar investindo mais em marketing para reforçar seus cofres. “É o maior exportador de café do mundo e, na Coréia do Sul, o café de boa qualidade é associado ao produto colombiano.”

**ISTOÉ – No livro *Chutando a escada*, o sr. defende que a maioria dos países desenvolvidos só chegou lá adotando medidas protecionistas. Significa que a saída para os países em desenvolvimento é voltar-se para dentro, e não brigar por condições de igualdade nos organismos multilaterais?**

**Ha-Joon Chang** – Não acho que os países em desenvolvimento devam olhar para dentro como solução. Esses países necessitam crescer e, para isso, devem aumentar suas exportações para importar tecnologias e insumos básicos. Os países em desenvolvimento precisam participar dos mercados mundiais. É como um filho: quando a criança nasce, ela não vai direto para a universidade. É preciso prepará-la para chegar lá e ganhar dinheiro na vida adulta. O mesmo acontece com os países em desenvolvimento. Eles precisam desenvolver suas indústrias para enfrentar os países ricos.

**ISTOÉ – Qual é a receita para os países em desenvolvimento não serem tragados pelos países desenvolvidos?**

**Chang** – As regras da Organização Mundial do Comércio (OMC) precisam ser modificadas o mais rápido possível. Só assim os países em desenvolvimento terão condições de proteger suas indústrias e disputar um espaço na economia mundial de forma menos desigual. Tentar evitar o desenvolvimento industrial nesses países é o mesmo que impedir que eles se insiram na economia mundial. Precisamos de regras diferentes na OMC e em outros acordos multilaterais. Não se pode esperar que países como a Etiópia, que tem uma renda per capita de US\$ 1,50 por dia, sejam submetidos às mesmas regras aplicadas aos desenvolvidos. Portanto, existem países em níveis diferentes de desenvolvimento e, por isso, precisam de políticas diferentes e regras distintas.

**ISTOÉ – Como fazer frente aos países desenvolvidos no mercado mundial se eles têm dinheiro e poder para pressionar os pobres? Não é uma luta muito desigual?**

**Chang** – Os países em desenvolvimento já começam a se perguntar por que continuam participando de organismos internacionais multilaterais se as regras não atendem seus interesses. No FMI, por exemplo, o princípio é simples: cada US\$ 1, um voto. Portanto, os Estados Unidos, que são o maior acionista do FMI, acabam dominando a votação, o que acaba dando a eles poder de veto nas decisões. É por isso que essas negociações

internacionais vêm fracassando. Os países em desenvolvimento não estão mais dispostos a acatar as imposições dos países desenvolvidos. Não é à toa que fracassaram as rodadas da OMC em Seattle, nos Estados Unidos, e em Cancun, no México.

**ISTOÉ – Como se dá a forma de pressão dos países desenvolvidos sobre os países em desenvolvimento nessas reuniões multilaterais?**

**Chang** – Os países ricos tentam forçar um consenso, entre aspas. Esses países usam de várias técnicas para chegar lá e convencerem os países em desenvolvimento a votarem em bloco com eles. Vale todo tipo de pressão: de ameaças de cortar ajuda financeira a represálias, passando por qualquer outro tipo de suborno. Eles são bem claros ao afirmar que aqueles países em desenvolvimento que venham a apoiar suas propostas ganharão mais ajuda financeira. As negociações até agora eram assim, só que isso está começando a mudar. Os países em desenvolvimento começaram a enxergar essa agenda dos países ricos como algo negativo para eles. Há quatro anos, os países em desenvolvimento começaram a se rebelar. Foi na reunião da OMC, em Seattle. Foi quando eles perceberam que iriam pagar muito mais caro pelas patentes farmacêuticas, o que provocaria a morte de muitos doentes vítimas da Aids.

**ISTOÉ – Já é possível enxergar mudanças significativas no comércio internacional depois que os países em desenvolvimento começaram a se rebelar?**

**Chang** – Ainda não, mas já começamos a perceber uma mudança na dinâmica da política internacional. Desde que foi criada a OMC, em 1995, ocorreram quatro reuniões em nível ministerial. Foram nesses encontros que se tomaram as grandes decisões. As reuniões para negociações mais minuciosas e detalhadas são realizadas permanentemente por um escalão de embaixadores em Genebra, na Suíça. As reuniões da OMC só não fracassaram de vez porque, no encontro de Doha, no Catar, se acabou criando um clima amistoso de apoio aos Estados Unidos. Foi logo depois da queda das torres gêmeas, em setembro de 2001. Os Estados Unidos souberam tirar proveito da solidariedade internacional. O representante de comércio dos Estados Unidos, Robert Zoellick, chegou a afirmar que os países que não aceitassem o livre comércio apoiavam os terroristas.

**ISTOÉ – Se as regras na OMC não mudarem, a situação ficará mais difícil para os países em desenvolvimento?**

**Chang** – Os americanos querem, por exemplo, acabar com o tratamento especial e diferenciado que é dado a alguns países com renda per capita inferior a US\$ 1 mil. Esses países têm direito de lançar mão de subsídios nas exportações. Só que os Estados

Unidos não querem mais manter a tolerância com esses países e estão pressionando para que essas tarifas diferenciadas acabem em 2015. Se as regras não mudarem, os países em desenvolvimento serão expulsos da OMC porque terão de reduzir suas tarifas a níveis bastante semelhantes às dos países desenvolvidos. Os países ricos usam essas medidas para nutrir suas próprias indústrias e agora estão dizendo que os países em desenvolvimento não devem fazer o mesmo. Os países desenvolvidos não querem que os pobres façam a mesma coisa que eles fazem.

**ISTOÉ – Nas negociações no âmbito da Alca, o governo brasileiro está enfrentando os Estados Unidos. Os americanos estão dando de ombros e já disseram que a Alca sai com ou sem o Brasil. Isso não seria um blefe dos EUA?**

**Chang** – Não sou especialista nas relações entre América Latina e Estados Unidos, mas arrisco dizer que o Brasil é o alvo principal dos Estados Unidos na Alca. O governo brasileiro sabe disso e tem sido muito inteligente nas negociações. Os Estados Unidos querem otimizar seu poder de alavancagem e de persuasão preferencialmente através de acordos bilaterais e regionais. Essa é uma prática recorrente dos Estados Unidos. Quanto mais regional for o acordo da Alca, melhor para eles porque aumentam suas chances de exercer o poder sobre o Brasil.

**ISTOÉ – Qual receita o sr. indicaria para o Brasil, já que negociar com os americanos é uma briga praticamente de cartas marcadas?**

**Chang** – Os Estados Unidos não são o único mercado importador dos produtos brasileiros. Existem outros mercados no mundo. A China, por exemplo, é uma economia que, dentro de pouco tempo, será uma potência maior do que a americana. A economia chinesa é pouco explorada pelo Brasil. Com tantas economias em fase de crescimento rápido, o Brasil não deve ficar dependente única e exclusivamente dos Estados Unidos para exportar seus produtos. A Índia é outro país que também está crescendo muito rapidamente, não tanto como a China. O Brasil deveria estar investindo em marketing de forma mais agressiva. O País é o maior exportador mundial de café e, no entanto, na Coréia do Sul todo mundo associa o café de boa qualidade ao colombiano e não ao brasileiro. Esse é só um exemplo para comprovar que, se o Brasil investisse mais em marketing, poderia vender mais. Os países em desenvolvimento, inclusive o Brasil, não estão investindo suficientemente nas possibilidades de entrar em outros mercados mais desenvolvidos. Os Estados Unidos não são a única alternativa. O que está faltando é uma maior interação. Existe uma certa tendência dos países em desenvolvimento em olhar só para os desenvolvidos e não para outros mercados.

**ISTOÉ – Na sua opinião, quais seriam os países que estão levando a globalização ao colapso?**

**Chang** – Além dos Estados Unidos, outros que estão contribuindo para o fracasso da globalização são os países europeus. Até certo ponto, os países escandinavos e a Holanda não defendem essa globalização unilateral. Há dez ou 15 anos, países como Japão e Coréia do Sul usavam amplamente medidas protecionistas. Foi por isso que conseguiram crescer. Só que agora esses países estão puxando a escada e dizendo aos países em desenvolvimento que não devem usar subsídios para proteger suas indústrias.

**ISTOÉ – O Brasil acaba de renovar um novo acordo com o FMI. Isso prejudicaria o País em relação a outros nas negociações multilaterais, sobretudo no âmbito da Alca?**

**Chang** – As pessoas que fazem as negociações financeiras não são as mesmas das negociações de comércio exterior. São dois grupos diferentes. Isso significa que uma fraqueza numa determinada negociação não vai influenciar negativamente outra negociação. Só acho que o Brasil poderia ter agido diferente com o FMI. Nas negociações internacionais, o Brasil tem se mostrado muito inteligente. O chanceler Celso Amorim vem sendo extremamente hábil nas negociações da OMC. É um homem inteligente, vence todas as discussões. Na minha opinião, o governo brasileiro deveria ter adotado a mesma estratégia nas negociações com o FMI.

**ISTOÉ – Como o sr. avalia esse novo acordo fechado com o FMI?**

**Chang** – Não sou especialista em macroeconomia brasileira, mas acho que, se o Brasil está com um superávit primário de mais de 5%, a economia não está crescendo e o índice de desemprego é um dos mais altos dos últimos dez anos, não é o caso de renovar o acordo com o FMI. Acordos com o FMI são recomendados para economias que padecem de hiperinflação. O Brasil está vivendo outro tipo de problema. Chegou a hora de mudar. Acho que a renovação desse acordo criou uma certa decepção com o novo governo. Não quero ser excessivamente crítico porque a situação do País é bastante difícil, mas o governo brasileiro deveria ter usado de mais habilidade com o FMI. Não será com o acordo que o País conseguirá baixar juros, aumentar investimentos e crescer.

**ISTOÉ – O presidente Lula tem viajado muito e a impressão geral é de que tem conseguido conquistar capital político mundo afora. O sr. concorda?**

**Chang** – O Brasil está se tornando um líder mundial. Junto com a China e a Índia, criou recentemente o G-22. O novo grupo foi criado durante a rodada da OMC em Cancun, no México, e já se transformou numa bruta dor de cabeça para os países ricos.

Liderados pelo Brasil, estes países estão pedindo sacrifícios aos ricos. A formação desse bloco fortaleceu bastante a imagem do Brasil e agregou capital político para o presidente Lula no cenário internacional. É incrível a credibilidade que o Brasil vem alcançando nessa esfera. O presidente Lula tem demonstrado grande inteligência e integridade.

### **ISTOÉ – Países em desenvolvimento têm força para levantar uma barreira contra os países desenvolvidos?**

**Chang** – Se o Brasil souber jogar bem o jogo, terá condições de trazer mudanças positivas no âmbito da OMC. Essas mudanças irão ajudar não só o Brasil como o resto do mundo todo. O Brasil tem uma grande responsabilidade nesse sentido. Os sinais de mudanças no comércio exterior começaram a surgir logo após a posse do presidente Lula, que ocorreu simultaneamente à entrada da China na OMC. Desde que o Brasil, a China e a Índia se uniram, os países desenvolvidos não conseguem mais impor sua agenda de desenvolvimento.

\*\*\*\*\*

### ***Folha de São Paulo, 17 November 2003***

**Coreano Ha-Joon Chang, da Universidade de Cambridge, diz que, a longo prazo, país perde com o bloco. Para especialista, Alca tende a destruir indústria brasileira**

**CLÁUDIA TREVISAN**  
DA REPORTAGEM LOCAL

Professor da faculdade de economia e política da Universidade de Cambridge, o coreano Ha-Joon Chang, 40, não é apenas um crítico das negociações comerciais que ocorrem no âmbito da OMC (Organização Mundial do Comércio) e da Alca (Área de Livre Comércio das Américas).

Para ele, os países desenvolvidos atuam nessas duas arenas com boa dose de cinismo, ao pretender tirar das mãos dos países em desenvolvimento as mesmas armas que usaram em sua própria trajetória de crescimento econômico: subsídios, proteção à indústria local e desrespeito à propriedade intelectual.

Essa é a principal tese de seu livro "Kicking Away the Ladder" (Chutando a Escada),

que deverá ser lançado neste ano no Brasil pela editora Unesp. Especialista em desenvolvimento e autor de obras sobre temas como política industrial, papel do Estado na economia e globalização, Ha-Joon esteve no Brasil na semana passada para participar de seminários no Rio e em São Paulo.

O professor acha que o Brasil deveria rejeitar a Alca, pois o país é o único que tende a perder com a implantação de uma zona de livre comércio na região. "Sua indústria seria destruída", afirmou. "Se você é El Salvador ou Equador, não tem muito a perder. São países que não têm uma indústria, de qualquer maneira. Mas o Brasil tem muitas potencialidades que podem ser destruídas. Vocês podem ganhar no curto prazo com mais acesso ao mercado agrícola, mas, e a longo prazo?"

O professor também tem análises preocupantes sobre a economia brasileira, apesar da euforia dos mercados com relação à política econômica do governo Lula. "Se olharmos para outros países, a média de lucro na indústria manufatureira é de 4% a 5%. Com taxa de juros reais entre 10% e 12%, ninguém vai querer ter negócios. É mais fácil comprar um monte de títulos do governo."

A seguir, trechos da entrevista que concedeu à **Folha**:

★

***Folha - As negociações na OMC (Organização Mundial do Comércio) podem avançar depois do que ocorreu em Cancún?***

***Ha-Joon*** - A menos que os países desenvolvidos mudem sua postura, as negociações vão morrer. Eles estão tentando forçar os países em desenvolvimento a aceitar coisas que são fundamentalmente contrárias a seus interesses e, por isso, há fracassos sucessivos.

Seattle fracassou em 1999. O encontro ministerial seguinte, em Doha, em 2001, só não fracassou também por causa de Osama Bin Laden. Depois do 11 de Setembro havia uma grande simpatia em relação aos americanos. E os americanos diziam "se você é contra o livre mercado, você está com os terroristas".

Havia uma mistura de simpatia e medo, que levou os países em desenvolvimento a engolirem uma série de coisas, mas, em Cancún [que sediou a reunião da OMC em setembro], foi diferente. Não havia a mesma conjunção política, e os países em desenvolvimento disseram: "Por que vamos fazer isso? Esses caras estão prometendo muito pouco".

E não era nem mesmo promessa. Os países desenvolvidos continuam dizendo "nós vamos fazer o máximo para permitir acesso a mercado", mas sem fixar datas nem estabelecer metas. Ao mesmo tempo, dizem para os países em desenvolvimento que,

em 2015, eles devem derrubar suas tarifas para o mesmo nível adotado nos países desenvolvidos, além de acabar com as regras que limitam investimentos estrangeiros.

***Folha - O G22, grupo que reuniu países em desenvolvimento criado em Cancún, pode ter sucesso?***

***Ha-Joon*** - Acho que o G22 é um fato muito importante na política internacional. Antes de Cancún, só a Índia resistia às pressões dos países desenvolvidos. Os americanos e os europeus podiam facilmente ignorar sua posição, dizendo que se tratava apenas de um só país apegado ao passado.

Mas dessa vez você tem a China, que acabou de entrar na OMC, e o Brasil com um novo governo, que tem uma atitude mais independente nas relações internacionais. Esses três países conseguiram formar uma nova aliança de países em desenvolvimento não vista desde a década de 70. Não creio que o novo grupo vá se desfazer.

***Folha - Por quê?***

***Ha-Joon*** - Porque agora você tem três grandes, importantes e independentes países trabalhando juntos, e isso é novo. A Índia sentia-se muito isolada no passado. Uma vez ou outra, a Índia e, às vezes, a Malásia faziam algum barulho, mas era difícil para esses países se organizarem.

***Folha - Mas alguns países que integravam o G22, como Peru e Colômbia, deixaram o grupo em razão de pressões dos Estados Unidos. O poder de atração do mercado norte-americano não é grande o suficiente para desarticular esse tipo de organização dos países em desenvolvimento?***

***Ha-Joon*** - Certamente é um fator importante. O grau de pressão que os países desenvolvidos podem exercer sobre os países em desenvolvimento é potencialmente muito grande. Não é só o acesso ao mercado norte-americano. Eles podem dizer a vários países que não vão dar mais dinheiro, por exemplo, de suas agências de ajuda. É muito difícil para os países em desenvolvimento suportarem essa pressão.

Mas o ponto é que eles estão sendo forçados a aceitar algo que é tão contrário aos seus interesses que até os países em desenvolvimento mais pobres são capazes de dizer não. Eles sabem que, se disserem sim para isso, é o fim.

***Folha - Em sua opinião, qual deveria ser a postura do Brasil na negociação da Alca (Área de Livre Comércio das Américas), na qual não há China nem Índia para formação de um bloco que se contraponha aos Estados Unidos?***

***Ha-Joon*** - A Alca sem o Brasil não teria sentido. O México já está no Nafta [área de



livre comércio dos EUA, México e Canadá], então não muda muito para o país. No resto da América Latina, fora o México, o Brasil é a única economia relevante. Sem o Brasil, a Alca não tem significado. Por isso, o Brasil está em uma posição forte para dizer não. Se o Brasil diz "não", pode ser fácil reunir países mais fracos na Alca, mas não significaria muito.

***Folha - Mas o Brasil não tem muito a perder em termos de acesso ao mercado norte-americano, que é o principal destino individual das exportações brasileiras?***

***Ha-Joon*** - No curto prazo vocês podem ter benefícios, mas, a longo prazo, o melhor para o Brasil é não assinar a Alca.

***Folha - Por quê?***

***Ha-Joon*** - Porque a sua indústria seria destruída. O Brasil será o grande perdedor da Alca. Se você é El Salvador ou Equador, você não tem muito a perder. São países que não têm uma indústria, de qualquer maneira. Mas o Brasil tem muitas potencialidades que podem ser destruídas. Vocês podem ganhar no curto prazo com mais acesso ao mercado agrícola, mas, e a longo prazo?

As pessoas ficam falando de ineficiência e protecionismo à indústria. Mas é muito melhor ter uma indústria protegida do que nada.

***Folha - O sr. é um estudioso e um entusiasta da adoção de políticas industriais. O governo brasileiro está tendo atuação satisfatória nessa área?***

***Ha-Joon*** - É natural que o governo esteja mais interessado em temas macroeconômicos, porque são temas mais urgentes. Política industrial tem a ver mais com o longo prazo. Se você não investe em educação, não investe em pesquisa e desenvolvimento, você só vai sentir os efeitos depois de dez anos. O governo tende a se focar mais em problemas financeiros e macroeconômicos. Mas não é a coisa certa a fazer se considerarmos o longo prazo.

Pode funcionar por dois ou três anos, mas, em dez anos, vocês vão estar competindo com países que adotaram políticas industriais. Talvez em dez anos vocês estejam competindo com o Vietnã. Vietnã é hoje o segundo maior produtor de café do mundo e eles não produziam café.

***Folha - Como o sr. vê a economia brasileira?***

***Ha-Joon*** - Bem, a taxa de juros real de vocês é de 10%, 12%. Talvez haja regras econômicas diferentes no Brasil, mas, se você olhar para outros países, a média de lucro na indústria manufatureira é de 4% a 5%. Se você mantém a taxa de juros reais

entre 10% e 12% significa que ninguém vai querer ter negócios. É mais fácil comprar um monte de títulos do governo.

Matematicamente é impossível continuar nessa situação. Ou vocês reduzem a taxa de juros e aumentam a taxa de crescimento econômico -assim há mais lucros e pagamentos da Previdência e maior superávit fiscal- ou vocês terão de renegociar a dívida.

***Folha - Qual é a opção que o sr. considera mais provável?***

***Ha-Joon*** - No momento, acho que o governo brasileiro está com muito medo de fazer qualquer coisa que possa ofender os investidores. Eles vão tentar continuar os pagamentos da dívida e reduzir a taxa de juros. Mas, com a existência das restrições que o país enfrenta, eu não creio que possam fazer muito. Talvez possam trazer a taxa de juros real para 8%, mas não para menos.

***Folha - O governo deveria tentar renegociar a dívida?***

***Ha-Joon*** - Acho que deveria tentar tudo o que pode. A longo prazo é muito importante aumentar a capacidade de exportação, para reduzir essa restrição crônica do balanço de pagamentos. Mas isso exige investimentos, e aí você tem um problema do tipo "o ovo ou a galinha". Se você tem uma situação na qual não pode investir, como você investe para mudar essa situação no futuro? É uma coisa muito difícil.

Talvez tenha de haver uma combinação de alguma reestruturação de dívida, que possa ser feita de maneira mais organizada que a da Argentina, por exemplo, mais o esforço para aumentar as exportações, no curto a médio prazo, dando incentivos fiscais.

Eu fiquei chocado ao descobrir que o Brasil não tem uma agência estatal de exportações, como Japão e Coréia do Sul, por exemplo, têm. Essas agências dão suporte mercadológico a pequenos e médios exportadores. Se eles tivessem ajuda para alcançar clientes fora do Brasil haveria muito mais espaço para o aumento das exportações.

Sempre cito o contraste entre o café brasileiro e o colombiano. O Brasil é "o" país do café, mas os colombianos têm sido muito inteligentes em fazer um marketing intensivo de seu café. Se você vai para a Coréia e pergunta às pessoas, eles dirão que o café colombiano é o melhor.

***Folha - Qual pode ser o impacto para o sistema multilateral de comércio se os EUA ignorarem a decisão da OMC que considerou irregulares as barreiras americanas à importação de aço?***

***Ha-Joon*** - Os americanos sempre tiveram essa tendência ao unilateralismo. Quando as

negociações da OMC em Cancún fracassaram, eles disseram "bem, agora vamos nos focar em acordos bilaterais ou regionais".

Os americanos são bem capazes de ignorar decisões com as quais não concordam. Se isso acontecesse, em larga escala seria um grande problema, porque voltaríamos ao sistema da Liga das Nações posterior à 1ª Grande Guerra, que era uma organização da qual não participava o país mais forte. Por isso, se tornou sem sentido. Era um sistema internacional sem o país mais forte.

Se isso ocorre com a OMC haverá muita tensão, porque os outros países não têm o poder que os norte-americanos têm. Eles precisam da OMC para impor sua vontade, os americanos, não. Essa é a parte difícil, como mantê-los [os EUA] dentro da organização.

## **PERFIL**

### **Professor tem visão cética sobre livre comércio**

#### DA REPORTAGEM LOCAL

Radicado há 17 anos na Inglaterra, Ha-Joon Chang tem uma visão cética sobre o efeito do livre comércio sobre a atividade econômica. Em sua opinião, a receita de abertura comercial levou a economia mundial a níveis de crescimento medíocres durante os anos 80 e 90.

"Apesar de duas décadas de ampla liberalização do comércio e do investimento, a economia mundial está crescendo em um ritmo muito menor que o dos "velhos dias ruins" de maior protecionismo e regulamentação", disse Ha-Joon em uma das palestras no Brasil, na semana passada.

Os títulos de alguns de seus livros, em uma tradução livre para o português, refletem bem suas preocupações: "Reivindicando o Desenvolvimento: Um Manual Alternativo de Política Econômica", "Repensando o Desenvolvimento Econômico" e

"Globalização, Desenvolvimento Econômico e o Papel do Estado".

**(CLÁUDIA TREVISAN)**